

Nem hotéis lucram com festa

DE ECONOMIA

Rede hoteleira não teve aumento na ocupação de quartos, comércio teve queda de 12% nas vendas e até camelôs reclamaram de prejuízo

Beth Veloso
Da equipe do **Correio**

Atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu. Parece que a máxima foi mais do que verdadeira para o comércio e o setor hoteleiro da cidade. As lojas ficaram quase às moscas. O batuque do tambor manteve os foliões bem longe dos shoppings, provocando uma queda estimada de 12% nas vendas. "Pensamos que seria positivo, mas foi péssimo. Todo mundo foi para a Micarê, inclusive eu", disse o presidente do Sindicato do Comércio Varejista, Lázaro Marques.

Para se ter uma idéia do que isso significa, ele lembra que, quando abre no domingo, o comércio consegue vender 4% a mais. "Sábado é dia sagrado nas vendas. Poderíamos tentar encaixar a festa num feriado", especulou.

Os hotéis também não tiveram motivo para folia. Fora os músicos das bandas e o pessoal de apoio, a lotação manteve-se nos níveis normais: cerca de 30% nos finais de semana. "Para nós, a Micarê não altera em nada. As pessoas que vieram de fora ficaram na casa de amigos ou parentes", avaliou o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis do Distrito Federal, Nagad Zakhour.

Para explicar o carnaval de números da Micarê, o deputado distrital Tadeu Filippelli (PMDB) pediu ontem, por meio de requerimento, a convocação do secretário de Turismo Rodrigo Rollemberg e do administrador de Brasília, Antônio Carlos de Andrade. Também foi chamado o secretário de Segurança, Roberto Aguiar, para dar explicações aos deputados sobre a violência na festa.

MUITA SUJEIRA

No lugar da sensualidade baiana da voz de Daniela Mercury, roncões de carro. As luzes coloridas dos trios elétricos também já não brilham mais. A Micarecandanga acabou. Foliões foram para casa tentar — em vão — recuperar o sono atrasado. Enquanto isso, um outro grupo, nem tão ani-

mado, mas tão barulhento quanto, entrou na avenida: o dos operários encarregados de desmontar o que sobrou do caldeirão da folia. Depois de muitas marteladas e picaretadas, arquibancadas, barracas e spots de iluminação iam virando um amontoado de madeiras e ferro.

A Micarê 97, pode-se dizer, foi uma *porcaria*. Nos quatro dias de festas, a galera produziu 40 toneladas de lixo. Quem passou pelo Eixo Monumental deixou 40% a mais de sujeira do que os brincalhões do ano passado, lotando oito caminhões de coleta e processamento de lixo.

Na hora de contabilizar perdas e ganhos, os ambulantes estavam preocupados com a equação custo-benefício. "Não tirei nem metade do dinheiro que eu investi", lamentava a doméstica Lúcia Oliveira, 35 anos, moradora de Santa Maria. "Só sobrou a violência e a ressaca, o sono", acrescentou o vendedor Renilson Gaspel, que completa hoje 40 anos. Com um prejuízo de R\$ 750, ele nem pensa em aproveitar a cerveja enalorada para comemorar o aniversário.

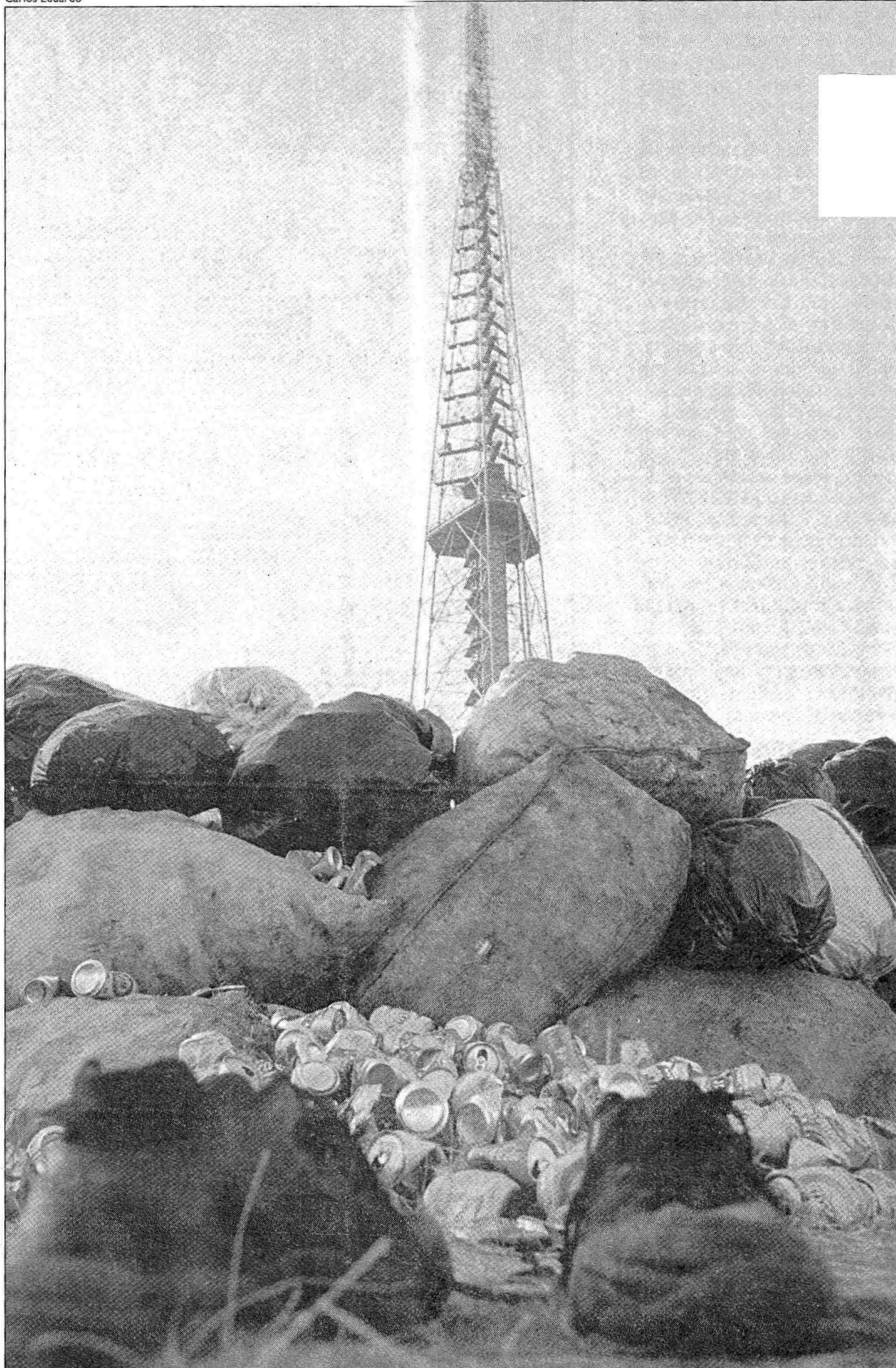
HIBERNAR IGUAL URSO

"Vou guardar para o próximo evento", garantiu. Para os novatos, no entanto, a festa valeu. "Foi divertido. Agora vou passar uma semana dormindo. Vou *invernar* igual urso", ilustrou o comerciante Carlos Ernane, 39 anos, que imprime cartões de apresentação em Santa Maria.

Já os camarotes deverão ser retirados em até duas semanas. Este é o prazo dado pela Administração de Brasília para a empresa Monday Monday, organizadora da Micarê. Até lá, a pista ficará interditada. A alternativa para quem vai para a Asa Norte é fazer o retorno um pouco abaixo, próximo à Torre de TV.

Logo nas primeiras horas da manhã, o trânsito no Eixo Monumental havia sido liberado. Segundo o chefe da Fiscalização e Policiamento do Detran, José Antônio Araújo, a Micarê não causou muitos transtornos para os cerca de 150 mil motoristas que passam diariamente pelo Eixo.

Carlos Eduardo



Resultado da folia: garis recolheram 40 toneladas de lixo nos quatro dias de festa, 40% a mais do que no ano passado